

**Entre a Floração das Cerejeiras e o Cair das Flores:
memórias, invenções e fluxos migratórios entre Núcleo Celso Ramos e Japão
(1990-2010)**

KAROLINE KIKA UEMURA*

Introdução

A migração de japoneses para Santa Catarina teve início no período pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente, a partir das décadas de 1960 e 1970. Entre os projetos de iniciativa do Governo de Santa Catarina e acordos com outras instituições¹, os imigrantes japoneses e descendentes vieram, em sua grande maioria, de diversos Estados Brasileiros, e outros, diretamente de seu país de origem em busca de novas oportunidades para a concretização de seus projetos migratórios.

Os projetos do Governo de Santa Catarina constituíam-se na formação de núcleos agrícolas formados por imigrantes japoneses, em um momento de “modernização agrícola” (MARTINELLO, 2007) no país. Entre algumas tentativas de construção destes núcleos, a nomeada “Colônia Celso Ramos” foi a primeira colônia oficial fundada em 1965, na região que atualmente se encontra no município de Frei Rogério, antes, distrito de Curitibanos na década de 1960. A partir de um recenseamento realizado pelos próprios integrantes do Núcleo (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), observa-se que há entrada de imigrantes japoneses até a década de 1970, os quais começaram a exercer atividades agrícolas, especificamente, a fruticultura e horticultura.

Segundo os dados do livro publicado em comemoração aos 40 anos do Núcleo Celso Ramos no ano de 2004 e a partir de relatos orais², a partir dos finais da década de

* Graduada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2010). Atualmente, mestranda da Universidade do Estado de Santa Catarina.

¹ A atuação do Governo Estadual, na instalação desta colônia e de outras, centrava-se na articulação entre o Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (IRASC) e a Empresa Japonesa de Imigração (JAMIC), localizada em Porto Alegre (RS).

² Entrevistas realizadas para o Trabalho de Conclusão de Curso. UEMURA, Karoline K. **Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.

1980 percebe-se um fluxo migratório que partia do Núcleo rumo ao Japão. O Núcleo Celso Ramos se insere no cenário das migrações internacionais contemporâneas quando os descendentes de imigrantes japoneses começaram a emigrar para o Japão em busca de oportunidades em um momento de grave crise econômica no Brasil ou mesmo, “voltar” para conhecer “a terra natal” de seus pais e avós. O Núcleo Celso Ramos, antes um lugar de imigrantes, torna-se também, um lugar de emigrantes.

Este fluxo migratório intensifica-se na década de 1990, momento em que ocorre a primeira edição do *Sakura Matsuri* (Festa da Floração das Cerejeiras), realizada anualmente no Núcleo, desde 1997. O emigrar possui distintos significados não somente para aquele que parte em busca de melhores oportunidades no Japão, mas também para aqueles que ficam na cidade de origem. O *Sakura Matsuri* surge em um momento em que algumas preocupações sondam o Núcleo: o esvaziamento do mesmo por causa das emigrações e um possível “esquecimento” de culturas japonesas, significando a preocupação com a continuidade das práticas construídas no Núcleo. A partir dos relatos orais, os quais expressam experiências e percepções de emigrantes e daqueles que permaneceram no Núcleo, observa-se que, além desta preocupação, algumas representações e interpretações a respeito do “que é ser japonês” são expressas nas entrevistas, estabelecendo relações com o *Sakura Matsuri*. Neste contexto, pergunta-se qual foi o impacto que as migrações contemporâneas tiveram no Núcleo? O que as memórias daqueles que partiram e daqueles que permaneceram no Núcleo dizem a respeito deste impacto? Qual seria a sua intensidade, seja econômico, cultural, social? Quais as relações podem ser estabelecidas a partir da construção das práticas culturais construídas no Núcleo e as experiências daqueles que emigraram e retornaram do Japão?

Como parte do projeto de pesquisa proposto no Programa de Pós-Graduação de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/FAED, este trabalho apresentará algumas reflexões que têm por objetivo compreender alguns dos impactos do fluxo migratório para o Japão no Núcleo Celso Ramos, no que se refere às relações entre migração e memórias como base da (re)construção e negociações de identidades, sustentadas por elos entre passado e presente, e laços construídos entre o país de origem e o país de destino dos descendentes de imigrantes japoneses.

Para a realização da pesquisa e para esta comunicação, os procedimentos metodológicos se encontram na articulação teórico-metodológica da História Oral. Segundo o historiador Paul Thompson, “uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”. “Utilizar” não significa perceber aqueles que entrevistamos como meros “objetos” de estudo, mas sim como “sujeitos” histórico-sociais os quais constroem história(s) ricas, mais vivas, mais humanas” (THOMPSON, 1992). Neste sentido, tenho um compromisso com aqueles que me concederam as suas entrevistas. Refiro-me ao respeito por aqueles que depositaram a sua confiança em mim e que contaram momentos que lhes foram relevantes em suas vidas, mesmo que estes tenham transcendido as bordas da temática deste trabalho. Foi essencial que tivéssemos conversas, além das gravações, para que se sentissem confortáveis para falarem. As memórias individuais se tornam “únicas”. Todas foram importantes para este trabalho, pois ao ouvir os(as) entrevistados(as), cada um me contou um relato distinto que suscitavam “versões distintas do passado, ou seja, à memória” (PORTELLI,1997). Esta última torna-se o centro desta pesquisa, já que, considerando as colocações do historiador Alessandro Portelli, por ser um processo individual, socialmente construído e compartilhado, “as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas” (PORTELLI,1997).., porém, nunca exatamente iguais. A importância da História Oral se dá pelo reconhecimento de cada indivíduo como parte de um mosaico “em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos” (PORTELLI,1997)..

Nesta perspectiva, a História Oral torna-se o fio condutor desta pesquisa que se insere na História do Tempo Presente. As discussões em torno desta têm-se concentrado na temporalidade que é abordada na pesquisa. Segundo a historiadora Helena Isabel Muller, a história do presente se consiste em “um estudo da história dos homens e mulheres que se dá em um passado sem fronteiras, construção de um corpo teórico apreendido por um historiador que é, ele mesmo, uma testemunha da história da humanidade enquanto presente, passado e futuro” (MULLER, 2007). A memória emerge neste contexto, já que ela pode ser tomada como uma “união entre passado e presente” (DOSSE, 2001:7-72). O passado encontra-se vivo na memória, que por ser dinâmica, constrói e reconstrói este passado na interpelação do presente. Em outras

palavras, um passado aquecido no presente, cujo elo desta relação será realizado pela memória.

Um iminente esquecimento e os significados do “emigrar”

Durante as pesquisas de campo realizadas no Núcleo Celso Ramos, nos anos de 2009 e 2010, percebe-se que a organização de eventos no Núcleo Celso Ramos acontece diversas vezes durante o ano. Um destes eventos é o *Sakura Matsuri*, conhecido também como “Festa da Floração da Cerejeira” (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), o qual ocorre anualmente entre os meses de agosto e setembro. Na última pesquisa de campo, realizada em setembro de 2010, uma conversa informal com uma das integrantes do Núcleo revelou que a maior parte das cerejeiras que beiram a estrada em direção a Frei Rogério já estavam no final da floração, mas que isto fazia parte do ciclo da natureza. Afinal de contas, “há outras atrações para a festa”. A floração da cerejeira dura uma semana e neste tempo, o *Sakura Matsuri* ocorre durante dois dias desta semana. No entanto, esta conversa informal revela que não somente a festa acontece neste período para uma possível coincidência com a floração, mas também pelo significado deste momento para os integrantes do Núcleo Celso Ramos: momentos que consistem em diversas apresentações de práticas culturais tais como o *Bon Odori* – uma dança de culto aos antepassados – a Cerimônia do Chá, as apresentações de *Kendô* – uma arte marcial praticada no Núcleo, o *Taikô* – apresentação de percussão – comidas e músicas “tipicamente japonesas”, entre outras atividades de interação com o público. Uma série de apresentações que ocupam os dois dias desta festa, e a atração principal não necessariamente é a floração das cerejeiras.

O primeiro *Sakura Matsuri* foi organizado no ano de 1997, momento em que observa-se que há uma movimentação crescente no Núcleo Celso Ramos: idas e vindas de japoneses e descendentes, os quais vão freqüentemente ao Japão em busca de melhores oportunidades para poder fazer um “pé-de-meia”, retornando em curtos espaços de tempo. Enquanto o *Sakura Matsuri* dava os seus primeiros passos, as emigrações no Núcleo Celso Ramos tornavam-se intensas. Os descendentes de imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos, a partir do final da década de 1980, começaram a fazer parte do fluxo migratório de brasileiros para o Japão, em um fluxo tímido que incluía *isseis* (nascidos no Japão, migraram ao Brasil) e *nisseis* (filhos de

japoneses, primeira geração nascida no Brasil). O Núcleo, antes um lugar de imigrantes japoneses, a partir das décadas finais do século XX, passa a ser também, um lugar de emigrantes. Na década de 1990, este fluxo intensificou-se expressivamente: em 1992, de 178 associados ao Núcleo, 53 se encontravam trabalhando no Japão (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), ou seja quase 30% dos associados.

Entre aqueles que decidiram por migrar e aqueles que ficaram no Núcleo Celso Ramos, surge uma preocupação crescente a qual pode ser observada em um trecho do relato concedido por Izumi Honda, integrante do Núcleo, que aos 39 anos conta sobre a emigração para o Japão durante a década de 1990: a *“era de dekassegui enfraqueceu muito as colônias. Muitas colônias no Brasil desapareceram, porque famílias foram embora.”*³. Izumi conta sobre o “desaparecimento de colônias japonesas” no Brasil, referindo-se ao Núcleo Celso Ramos em um momento em que imigrantes japoneses tornavam-se emigrantes, assim como os seus descendentes, rumo ao Japão. Esta preocupação, o “enfraquecimento da colônia” aparece não somente no relato de Izumi, como também em relatos de pessoas que permaneceram no Núcleo.⁴ O que significaria “enfraquecer” para estes emigrantes e para aqueles que nem mesmo emigraram?

Quando Ângela Chiemi Toba decidiu ir para o Japão em 1998, aos 23 anos, disse que

algumas pessoas falam que não gostariam que fossem né, que por causa da situação eles entendiam. E também, dar aquela continuidade a tudo que eles começaram ali. Em casa, por exemplo, o meu vô na agricultura, o meu pai...mas os meu irmãos, cada um foi pro seu lado[...] acho que também, porque esquece um pouco[...]eles queriam que continuasse, um dos herdeiros... a atividade principalmente, a agricultura. Acho que eles entendem também. Cada um, cada filho quer seguir o seu caminho.⁵

Ângela relata, também, uma preocupação sentida pelas pessoas que ficavam no Núcleo, principalmente no que concerne à “continuidade” de práticas culturais ou mesmo das atividades agrícolas. Essa preocupação também se estende a um dos trechos da entrevista com João e Solange⁶, no qual ela pede para que João escrevesse cartas em

³ Entrevista realizada com Izumi Honda em 15 dezembro de 2009.

⁴ Nove entrevistas realizadas para a pesquisa que norteou o Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2010.

⁵ Entrevista realizada com Ângela Chiemi Toba em 16 de dezembro de 2009.

⁶ Entrevista realizada com João e Solange em 26 de abril de 2010.

língua japonesa para os filhos pequenos e para ela no Brasil, enquanto esteve no Japão. Mesmo no livro publicado em comemoração aos 40 anos do Núcleo Celso Ramos, a preocupação com um iminente esquecimento aparece em vários registros sobre o Núcleo, entre estes o número de pessoas que haviam migrado para o Japão no início da década de 1990.

Percebe-se, a partir dos relatos, que o impacto da migração contemporânea no sentido de um certo medo quanto a um “esquecimento”, a um “enfraquecimento”. A preocupação com a evasão populacional no Núcleo se acentua quando se percebe que alguns membros de algumas famílias, ou famílias inteiras começam a migrar para o Japão. Mesmo que a estimativa partisse de uma migração temporária, os migrantes entrevistados, ficaram um tempo a mais do que o previsto, e outros – aqueles que são citados nas entrevistas e em conversas informais – ainda se encontram no Japão, sem uma data para a volta. Este “esvaziamento”, encarado como um problema para parentes e amigos que permaneceram no Núcleo, também foi uma questão abordada pelo sociólogo Marcelo A. Ennes, em uma análise sobre o movimento *dekassegui* na cidade de Pereira Barreto(SP). Segundo o mesmo, a migração constrói uma lacuna entre os mais velhos e os mais jovens; uma mudança a qual é sentida pela diminuição de atividades culturais na cidade, organizada por japoneses e nipo-descendentes (ENNES, 2001).

A preocupação expressada por Izumi Honda e Ângela Chiemi Toba se refere não somente às práticas culturais construídas pelos integrantes do Núcleo Celso Ramos, mas também a uma continuidade e reconstrução das mesmas ao longo das últimas três décadas, pelas quais perpassam representações e distintas identidades observadas, inclusive, no Sakura Matsuri⁷, o qual surge em um momento em que a emigração do Núcleo tornava-se intenso. Contudo, se a emigração significou este “iminente esquecimento”, as experiências migratórias nos relatos dos entrevistados transparecem o contato com a sociedade japonesa, as comparações com o Brasil e o Núcleo, as diferenças e indiferenças.

⁷ Saídas de campo realizadas durante os anos de 2009 e 2010.

O “emigrar” para o Japão, a partir das décadas de 1980, torna-se um processo complexo que envolve um imaginário sobre o país de destino, constituído de memórias da imigração que coexiste com as representações de um Japão contemporâneo. Neste sentido, alguns dos entrevistados salientam os motivos que os levaram à decisão de emigrar e como este fluxo contínuo entre Núcleo Celso Ramos e Japão se configurou ao longo destes trinta anos. À princípio, os entrevistados falam a respeito de suas dificuldades financeiras, como foi o caso de Eisaku Onaka, 31 anos, o qual foi ao Japão em 2000 em busca de emprego no setor industrial de componentes eletrônicos, retornando em 2002. Na década de 1990, sua família Onaka solicitou um financiamento em um banco para poderem investir nos cultivos agrícolas, sendo que parte deste financiamento foi destinado ao cultivo de maçã. Como eles não receberam o pagamento do comprador, cobrir este financiamento torna-se uma dificuldade financeira, já que os juros cobrados foram aumentando, transformando-se em uma dívida. Nesta mesma década, os efeitos da crise econômica no Brasil, que se instaurou desde a década de 1980, eram sentidos em diversos setores da economia, inclusive o setor agrícola. Neste sentido, na década de 1990, o fluxo migratório para o Japão começa a se intensificar no Núcleo.

No entanto, os entrevistados ao falarem de seus motivos, revelam também que este fluxo migratório contemporâneo apresenta outras razões, quando os motivos que levaram japoneses e seus descendentes a migrarem ao Japão foram além das dificuldades econômicas enfrentadas no Núcleo. A vontade de conhecer a “terra natal” de seus pais e ir para um país o qual tinha fama de ser um lugar onde “fazia-se dinheiro” nos revela a construção de uma cultura migratória constituída de sonhos e novas oportunidades que poderiam ser conseguidos com a emigração. Nesta cultura migratória observa-se um imaginário sobre o país de destino sustentadas nas referências culturais construídas no Núcleo Celso Ramos, constituída nas memórias da imigração que são evocadas nos relatos dos emigrantes. A emigração de *nikkeis* (SASAKI, 1999) do Núcleo Celso Ramos está associada ao imaginário presente na “colônia” sobre o país de destino, construindo então uma conexão entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente. A memória que *“preserva aquilo desde antigamente, do tempo dos pais,*

quando vieram do Japão”⁸ passa a ser uma referência para Tatsuo, ao migrar para a província de Nara, no Japão, pela primeira vez em 1999, com 22 anos. Ele diz que *“quando fui lá eu achava que era parecido”*.⁹

Este imaginário constituído de representações e da memória da imigração constrói um campo de referenciais que torna o emigrar para o Japão como um encontro com o que lhes parece familiar. Não obstante, a construção deste imaginário é um processo ambíguo, pois não somente se constitui dessa apropriação de representações daquilo que é considerado “cultura japonesa” na memória da imigração, como também das representações de um Japão inserido no processo de globalização. O conflito entre tradição e transformação aparece também no cenário deste fluxo migratório contemporâneo.

O re(des)encontro em Sakura Matsuri

Se no relato de Izumi Honda transparece a idéia de que a emigração de descendentes de japoneses poderia representar uma “ruptura” na manutenção de códigos e valores culturais no Núcleo Celso Ramos, na continuação de seu relato ela diz que,

Houve uma emigração muito grande, e hoje, estão retornando. Até que eu retornei, e retornei e to contribuindo. Minha ação lá, eu sinto que o pessoal é grande, né, porque, quando eu retornei a...os eventos eram muito fracos de, digamos, em termos de participação da comunidade. As pessoas não iam, iam lá beber e pronto, só conselhos e conselhos e não saia disso aí né. Daí vindo jovens, com vontade, trazendo inovações, pessoal também começa a se motivar, então a gente sentiu.¹⁰

Miwa também relata a sua percepção em relação a emigração de japoneses e descendentes enquanto esteve no Brasil,:

Tinha uma hora que não tinha nada pra fazer aqui. Nada, nada, nada. Não tinha nem um lugar pra ir, não tinha nem ninguém. Grupo pra sair, pra se encontrar. E agora já tem né. Então acho que isso já tá voltando um pouquinho, sabe. Chegou uma hora que caiu, caiu, caiu, caiu...e agora tá começando a voltar.¹¹

⁸ Entrevista realizada com Tatsuo Sugiyama em 16 de dezembro de 2009.

⁹ idem

¹⁰ Entrevista realizada com Izumi Honda em 15 dezembro de 2009.

¹¹ Entrevista realizada com Miwa Onaka e Eisaku Onaka em 24 de abril de 2010.

A partir destes trechos percebe-se que há um movimento de “retorno” ao Núcleo Celso Ramos, o qual não significa uma permanência, considerando que, de todas as entrevistas realizadas nas saídas de campo em 2009 e 2010, os migrantes partiram para o Japão e retornaram ao Núcleo Celso Ramos mais de uma vez, compondo um movimento contínuo. O fluxo migratório entre o Núcleo e o Japão pode ser considerado intenso, não somente pelos números expressivos de migrantes, como também pelas práticas realizadas por esses sujeitos histórico-sociais, além da frequência das migrações de ida e de retorno.

As memórias sobre a emigração, para alguns dos entrevistados, significou a preocupação com a manutenção de práticas culturais, mas na perspectiva do retorno ao Brasil, a migração revela o seu caráter “inovador”

Quando Tatsuo também nos conta sobre algumas diferenças percebidas em uma “cultura japonesa”, observadas durante a sua vivência no Japão, o entrevistado salienta que

tinha muitas coisas assim, que eu não conhecia também e, eu até achava que era só isso aí né, cultura japonesa. Cheguei lá, e na época a gente não fazia *taikô* aqui, tinha aqueles negócios ...*taikô*, os caras ocupavam a avenida inteira, quase que carnaval, só que organizadinho, coisa de japonês. Diferença assim, alguma diferenzazinha, mas é mais... eu vi que tinha muito mais coisas novas, novas não digo, mas que eu não conhecia¹²

O *Sakura Matsuri* já acontecia antes mesmo de Tatsuo ter ido ao Japão em 1999. Em seu relato, as demonstrações dos grupos de *Taikô* no *Sakura Matsuri*, aparecem como uma prática recente, pois quando foi ao Japão em 1999, esta prática não se encontrava na programação do evento realizado no Núcleo Celso Ramos. E pelo que o entrevistado sugere, não era uma prática cultural realizada no mesmo, fora dos eventos. Contudo, apresentar o *Taikô* no *Sakura Matsuri*, seria uma das práticas culturais representantes da “cultura japonesa”, perante um público que não está familiarizado ao mesmo.

Nas palavras de Patricia Kobayashi, comparando os eventos realizados no Japão e aqueles realizados no Núcleo, “ *o espírito da coisa é o mesmo, a intenção é a mesma:*

¹² Entrevista realizada com Tatsuo Sugiyama em 16 de dezembro de 2009.

divulgar a cultura, confraternizar, juntar todo mundo, se divertir, acho que o princípio é o mesmo”¹³.

As vivências daqueles que foram ao Japão e retornaram contadas nas entrevistas, permitem perceber o *Sakura Matsuri* e aquilo que ele divulga na perspectiva de práticas culturais construídas, seja a longo ou curto prazo. Nas entrelinhas da realização deste evento e das demonstrações destas práticas surge a pergunta: o que é ser japonês? A princípio, quando o evento surge em um momento no qual ronda uma preocupação quanto à manutenção de “uma cultura japonesa”, o próprio evento estabelece representações desta “cultura”, que por vezes torna-se expressão da construção de identidades. Perante a um público que se direciona ao Núcleo Celso Ramos para apreciar o *Sakura Matsuri* começa a ganhar outras características.

Esta festa vem sendo comemorada em todos os anos, em agosto ou setembro, desde 1997. A sua visibilidade no início era tímida, contando com a participação de autoridades e integrantes do Núcleo Celso Ramos. Com o passar dos anos, o *Sakura Matsuri* começa a ser divulgada em periódicos, nas relações estabelecidas entre associações¹⁴, ganhando atenção de cônsules japoneses, governadores e de pessoas provenientes de outras cidades de Santa Catarina e de outros Estados que se organizam em excursões para a região. Torna-se então, uma representação da presença de japoneses em Santa Catarina. A comemoração dos Cem Anos da Imigração Japonesa no Brasil dá um ritmo motivador para que a festa em 2008 com uma programação que incluía a cerimônia do chá, o *Bon Odori* (que consta na programação como uma dança japonesa), demonstrações de lutas do *Kendô* e *Bujutsu*, apresentação de *Taikô* (apresentação de percussão de tambores), a feitura do *Moti* (“bolinho de arroz”), o *yukata* (vestir kimono) visitas ao monumento do Sino da Paz (construído em homenagem às vítimas das bombas atômicas) e a presença de Yumi Inoe, conhecida como a “cantora criada pela colônia japonesa”¹⁵, já que a mesma, há dez anos vêm

¹³ Entrevista realizada com Patrícia Sayuri Kobayashi em 11 de outubro de 2009.

¹⁴ Associação Brasil-Japão; Associação Nipo-Catarinense

¹⁵ TAKAHASHI, Adreano. Yumi Inoe, a cantor criada pela “colônia”. Caderno de Entrevista Zashi: In: Portal Nippo Brasil On Line. Acessível em: <http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.entrevistas/rev12.shtml>

realizando turnês requisitadas em várias “colônias japonesas” no Brasil, divulgando músicas japonesas no estilo Enka.

A partir dos relatos e das observações realizadas, é interessante pensar que o *Sakura Matsuri* surge em um momento em que se intensifica a emigração no Núcleo Celso Ramos. A afirmação de “identidade(s) japonesa”, neste caso, surge em um processo da construção de representações, de uma imagem que o Núcleo constrói sobre si mesmo perante a sociedade na qual se encontra. Como diria a historiadora Wawzyniak, ao citar Sakai, “Para os imigrantes japoneses, ‘divulgar a cultura japonesa no Brasil é difundir e cultivar pontos positivos do Japão’”(WAWZYNIAK, 2008: 167-188). Neste sentido, tomo de algumas considerações do historiador Hobsbawm para uma breve análise deste festival a qual possui relações estreitas com as percepções daqueles que migraram para o Japão.

No panfleto divulgado sobre 12º *Sakura Matsuri*, aparece nas últimas linhas, um convite: “*venha conhecer a nossa cultura*”, e abaixo deste, a programação do evento. A intenção de divulgar a “cultura japonesa” que incluísse todos esses eventos, aos olhos daqueles que vão apreciá-los dá-se a impressão de que existe uma cultura japonesa única, consensual entre todos os japoneses e descendentes no Núcleo Celso Ramos. O *Sakura Matsuri* torna-se um palco de representações, e espaço de memórias e identidades coletivamente compartilhadas, porém nunca exatamente iguais. A memória da imigração e as práticas culturais que se constroem neste espaço, expressam a impressão de sua perpetuação pelo tempo.

A construção de identidades de “comunidades de imigrantes” em Santa Catarina – e como nas cidades em que elas se encontram, observa-se a apropriação das mesmas, a construção de discursos e a construção de representações – foi objeto de estudo de historiadores e historiadoras, cujas pesquisas foram base e salientam algumas perspectivas na reflexão sobre o Núcleo Celso Ramos. As historiadoras Christina Scheibe Wolff e Maria Bernadete Ramos Flores, ao trabalharem com a construção cultural de gêneros na Oktoberfest e de uma “identidade étnica” problematizam a mesma como uma “festa turística inventada como ‘tradição’ ”. Os discursos e a divulgação da festa através da mídia e das autoridades, as quais atribuíam à mesma o valor de “um retorno da história, da tradição e dos costumes da cultura germânica”,

acabavam por “reafirmar identidades”, “remexendo lugares de memória”, estabelecendo representações nas delineações dos papéis de gênero nos desfiles de carros alegóricos e se revelando aos olhos dos turistas como um “espetáculo cultural[...] ‘autentico’ [...]uma festa cultural que se perpetua o ano inteiro” (WOLFF; FLORES, 1994: 209-220).

Esta valorização da tradição, de um retorno da história, observada pelas historiadoras Christina Scheibe Wolff e Maria Bernadete Ramos Flores, permite perceber o *Sakura Matsuri* como um momento de reafirmação de identidades, quando a memória da imigração emerge nos discursos e as apresentações culturais do evento representam a “japonicidade”¹⁶. Tais prática culturais e o evento em si podem ser referidas como “tradições inventadas”, termo que o historiador Hobsbawm nos apresenta,

utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construída e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. HOBBSAWM; RANGER, 1984)

Contudo, se o *Sakura Matsuri* expressava a construção e a afirmação de identidades em seu início, momento em que o medo do “esquecimento”, do “esvaziamento” sondava o Núcleo Celso Ramos, percebe-se também que o evento era passível de transformações e modificações. As representações culturais do “que é ser japonês”, ou mesmo as práticas histórico-sociais se transformam a partir da vivência, das percepções daqueles que se direcionaram ao Japão e retornaram, como por exemplo,

¹⁶ Elisa Sasaki realiza um estudo, no qual o Japão, um gênero literário e acadêmico, o *Nihonjiron* (“teorias da japonicidade”) se constituiu em um discurso da diferença, exprimindo os valores “japoneses” e colocando em lados opostos o Japão e o Ocidente. O *Nihonjiron* propôs, em distintos momentos históricos, um debate, se não um embate, sobre aquilo que seriam “aspectos típicos japoneses”, uma seleção daquilo que caberia dentro de um “autêntico japonês”, de “uma tradição japonesa”. A partir da pesquisa da mesma autora, nas diferenças com o Ocidente, e logo depois, particularmente com o Estados Unidos (e vice-versa), o Japão construiu aquilo que seria a sua “integridade identitária”, de acordo com os contextos no qual vivia, o antes, o durante e o pós guerra. Uma identidade, a qual estava associada à homogeneização e enaltecia o nacionalismo, chegando à comercialização deste “nacionalismo japonês” nas décadas anteriores e seguintes à Segunda Guerra Mundial. Sasaki salienta que a “‘japonicidade’ tem que ser ‘imaginada’ pelos ‘Outros’ [aquele que se construiu como Ocidente], assim como pelos seus próprios membros, embora diferentemente”.¹⁶ In: SASAKI, Elisa M. **Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. Nesta perspectiva, da mesma forma que o Japão constrói esta “japonicidade” ao longo do século XX, aqueles que integram o Núcleo Celso Ramos, “imaginam a japonicidade”, na construção de identidades, a partir das diferenças encontradas na sociedade brasileira, que mesmo não sendo explicitada pelos entrevistados, aparece no silêncio sobre esta questão nas entrevistas.

a inclusão do *Taikô*, que até o final da década de 1990 não era praticado no Núcleo. Além disso, o *Sakura Matsuri* começa a ganhar, ao longo das treze edições, um caráter divulgativo e torna-se, também, um espaço de relações políticas.

Considerações finais

As migrações entre o Núcleo e o Japão são permeadas por memórias e representações as quais transparecem das vivências daqueles que foram ao Japão e retornaram, como também, das experiências daqueles que permaneceram no Núcleo. Dentre estas memórias, a comemoração do *Sakura Matsuri* emerge como um espaço de construção de representações e identidades as quais foram/são “reinventadas” ao longo das treze edições da festa. A princípio, quando o evento surge em um momento no qual ronda uma preocupação quanto à manutenção de “cultura japonesa”, o próprio evento estabelece representações desta “cultura”, que por vezes torna-se expressão de identidades e memórias compartilhadas e reinventadas.

Em um dos últimos livros do poeta de Pablo Neruda, ele expressa em um poema: “Perdão se quando quero/contar minha vida/é a terra o que conto./Esta é a terra./Cresce em teu sangue/e cresces./Se se apaga em teu sangue/te apagas” (NERUDA, 1977). Da mesma forma que Neruda conta sobre a sua terra e uma preocupação em relação ao esquecimento daquilo que fez-lhe parte da vida, aqueles que compartilham as suas memórias com o pesquisadora trazem a mesma preocupação ao longo de sua fala. O “esquecer a cultura japonesa”, uma preocupação que se encontra entre os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos e mesmo entre os seus descendentes, os quais constroem e reconstroem os valores e as práticas culturais japonesas em uma tentativa de manter sempre vivo um passado pautado em tradições. Esta iminência do esquecimento aparece não somente presente em uma memória individual, mas também está presente na construção de memórias coletivamente compartilhadas. É no medo desse esquecimento que os imigrantes japoneses e seus descendentes irão afirmar valores, (re)construir, negociar aquilo que compartilham ou consideram “cultura japonesa”, em um processo de “reodernamento, de reconstrução das lembranças, porque a dinâmica das múltiplas temporalidades interfere no ato de lembrar” (DELGADO, 2006), as memórias tornam-se plurais, possuindo diversos significados. Para além de

um evento no qual observa-se a afirmação de identidades, o Sakura Matsuri tornou-se um espaço dinâmico de divulgação de representações construídas perante à comunidade brasileira.

Assim como o historiador Alessandro Portelli salienta que a memória individual se constrói em uma coletividade compartilhada, Stuart Hall problematiza que mesmo que o indivíduo possua uma identidade individual, assim o constrói, pois vê a si mesmo como membro de uma sociedade. O historiador e o sociólogo dialogam, na medida em que a memória e identidade partem da (con)vivência em uma determinada sociedade, na qual as experiências individuais se inserem. Os migrantes que se direcionam ao Japão no final do século XX e no início do XXI também nos trazem memórias plurais a respeito de uma “cultura japonesa”, a qual, apesar de ser um termo generalizante, encontra também comparações e diferenças a partir dos relatos individuais. As memórias individuais compartilham este imaginário sobre o Núcleo, a cultura japonesa, a memória imigratória constituídos de diversas, e por vezes, distintas representações que visam a “construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades” (CHARTIER, 1989).

REFERÊNCIAS

Fontes Orais:

Entrevista realizada com Patrícia Sayuri Kobayashi em 11 de outubro de 2009.
Entrevista realizada com Izumi Honda em 15 dezembro de 2009.
Entrevista realizada com Ângela Chiemi Toba em 16 de dezembro de 2009.
Entrevista realizada com Tatsuo Sugiyama em 16 de dezembro de 2009.
Entrevista realizada com Miwa Onaka e Eisaku Onaka em 24 de abril de 2010.
Entrevista realizada com João e Solange em 26 de abril de 2010.

Bibliografia

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e Representações**. Tradução de Maria M. Galhardo. Lisboa: Difel, 1989.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. **História à Prova do Tempo: da História em Migalhas ao Resgate do Sentido**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. P.7-72

ENNES, Marcelo A. **Construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior da cidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. O. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARTINELLO, André Souza. **Política Agrária e Imigração nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961-1978)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: JÚNIOR, Gilberto Porto (org). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007.

NERUDA, Pablo. **Ainda**. Rio de Janeiro: Olimpyo, 1977.

OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko e YAMAMOTO, Kazunori (organizadores). **O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos**. Curitiba (SC); Florianópolis: Associação Cultural Brasil-Japão de Núcleo Celso Ramos – Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC), 2004.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, abril de 1997, vol. 15.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SASAKI, Elisa M. **Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

TAKAHASHI, Adreano. Yumi Inoe, a cantor criada pela “colônia”. Caderno de Entrevista Zashi: In: Portal Nippo Brasil On Line. Acessível em: <http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.entrevistas/rev12.shtml>

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

UEMURA, Karoline K. **Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. A “Colônia” como representação: Imigração Japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; OKAMOTO, Monica Setuyo; TANNO, AJnete Leiko (orgs). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.167-188.

WOLFF, Cristina Scheibe, FLORES, Bernadete Ramos. A *Oktoberfest* de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Editora da ULBRA, 1994. p. 209-220.